

## LIÇÕES DA PEDAGOGIA PARA O ENSINO DO JORNALISMO

Tatiana Carilly Oliveira Andrade<sup>1</sup>

Ronaldo Rosa dos Santos Junior<sup>2</sup>

### RESUMO

Esse artigo tem como objetivo apresentar possíveis lições da Pedagogia para o ensino do Jornalismo. A intenção é levantar discussão sobre o papel do professor no processo formativo em cursos de graduação em jornalismo e consequentemente levar à reflexões sobre os desafios e perspectivas acerca da arte de ensinar o ofício e formar o profissional-cidadão comprometido com a humanidade. Para tanto, esse texto foi construído a partir de pensamentos de filósofos e autores que se dedicaram a pensar sobre o saber, o conhecimento, o processo de aprendizagem, dentre eles citam-se: Gaston Bachelard, Michel Foucault, Paulo Freire, Rubem Alves.

**Palavras-chaves:** ensino do jornalismo; pedagogia; formação do jornalista; graduação em jornalismo.

## LESSONS FROM PEDAGOGY FOR TEACHING JOURNALISM

### ABSTRACT

This article aims to present possible lessons from Pedagogy for Journalism education. The intention is to foster discussion about the teacher's role in the training process in journalism undergraduate courses and, consequently, to encourage reflections on the challenges and perspectives related to the art of teaching the profession and shaping the professional-citizen committed to humanity. To this end, this text was built upon the thoughts of philosophers and authors dedicated to reflecting on knowledge, learning, and the educational process, including Gaston Bachelard, Michel Foucault, Paulo Freire, and Rubem Alves.

**Keywords:** journalism education; pedagogy; journalist training; journalism undergraduate studies.

---

<sup>1</sup> Pós-doutorado pela Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade Federal de Goiás (FIC-UFG), Pró-Reitora Pedagógica do Centro Universitário Araguaia (Uniaraguaia). E-mail: tatianacarilly@gmail.com

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, coordenador de pesquisa e extensão do Centro Universitário Araguaia (Uniaraguaia). E-mail: ronaldorsjunior@gmail.com

Para discutir o ensino do jornalismo, à luz de ideias de filósofos que pensam o saber, a educação, o ensino, inicialmente, faz-se necessário trazer o conceito de *epistème* construído por Foucault (1999), que se refere a ordens do saber, a um solo epistemológico alimentado por condições de pensamentos em determinada época. Isso remete-nos à questão sobre o que é possível pensar sobre a formação de jornalistas em cursos de graduação na atualidade.

Importante também ressaltar, ainda remetendo às ideias de Foucault, que na modernidade o pensamento muda de estatuto. Isso quer dizer que conhecer tem outras exigências. A ruptura com o cartesianismo acena para o surgimento de novas possibilidades de pensamento em que classificar, ordenar, categorizar já não são mais suficientes.

Assim, conhecer não está mais entendido como reprodução do que está dado, uma vez que o real e a verdade passam a serem compreendidos como construções culturais. Essas por sua vez são influenciadas por vários fatores, como valores sociais, política, economia, etc. Nesse contexto, não faz sentido e muito menos é atraente o ensino livresco.

Rubem Alves em sua obra *A alegria de ensinar* traz a seguinte afirmação do filósofo Paul Goodman: “a maioria dos estudantes nos colégios e universidades não deseja estar lá. Eles estão lá porque são obrigados” (1994, p.82). A frase é chocante e retrata uma situação real e atual para a qual todos os professores devem se atentar.

Pensar o ensino do Jornalismo é pensar o processo de ensino-aprendizagem que antes de tudo deve ser dialógico. Como mediador do conhecimento, o professor deve promover o diálogo, levantar questões, problematizar e isso vai muito além de transferir conhecimento.

Como diz Paulo Freire, “a tarefa do educador é a de problematizar aos educandos o conteúdo e não dissertar sobre ele, entregando como se ele já estivesse pronto e acabado” (1975). Nesse contexto cabe ao docente superar o modelo de educação bancária, criticado por esse filósofo, uma vez que esse se configura como mero depósito de conteúdos programados nas cabeças dos alunos, os sem luz, compreendendo os discentes como tábulas rasas.

Esse depósito de conhecimento que se dá por transferência oculta grande perigo à construção do ser pensante, uma vez que impede a criação, a ousadia, fomentando a formação de profissionais que continuam a reproduzir o sistema. Essa perspectiva de educação bancária impossibilita arejar ou rejuvenescer o saber, no sentido de realizar uma psicanálise do conhecimento, bem como propõe Gaston Bachelard em suas obras *A formação do Espírito Científico* (1996) e *El compromisso racionalista* (1973), em que ele aponta a necessidade de se devolver a “turbulência e agressividade” ao pensamento. Na mesma direção dessa ideia, o autor acrescenta ainda que “no fundo o ato de conhecer dá-se contra um conhecimento anterior, destruindo conhecimentos mal estabelecidos, superando, o que no próprio espírito, é obstáculo à espiritualização”. (1996, p. 17).

Essas lições de Bachelard são extremamente pedagógicas e relevantes ao progresso da ciência, da sociedade. Servem para lançar luz à educação, às atividades realizadas pelos professores junto aos alunos universitários, que geralmente deixam as faculdades de jornalismo reproduzindo os velhos conhecimentos sem propostas de novos caminhos para o saber e a prática do jornalismo. Em relação a isso torna-se oportuno aqui algumas indagações, afinal quais seriam as novidades do pensamento ou da prática jornalística nas últimas décadas? O que os professores de jornalismo estão fazendo para rejuvenescer o conhecimento do campo jornalístico?

O artigo “Formando os magos do amanhã”, que compõe a obra *Educação do século XXI* desafios e perspectivas, denuncia o fato de como o sistema educacional ainda têm contribuído para a reprodução e a perpetuação da opressão, impedindo o processo de singularização e de construção de um sujeito livre, autônomo, capaz de propor novidades teóricas e práticas ao campo jornalístico.

Nesse mesmo sentido Foucault (2012) nos alerta sobre a escola como mecanismo disciplinador, formador de indivíduos dóceis e úteis. Importante atentar-se para o fato de que

apesar de os cursos de graduação em jornalismo buscarem a formação crítica, isso não tem sido suficiente para romper com a estrutura desumana e de dominação que os futuros jornalistas geralmente encontram no mundo do trabalho. Sobre isso Fialho; Fialho trazem a seguinte reflexão:

Foucault vai denunciar esse “Vigiar e Punir” que internaliza nos Riobaldos mecanismos disciplinadores, desumanizando o mundo, tornando-o não em mecanismo de realização, mas de opressão, aquela mesma opressão da qual Freire pretende nos libertar. Em nome de alguma “ordem sagrada” as pobres almas desviantes são sacrificadas (FIALHO, FIALHO, 2012, p.13).

Infelizmente, o que se vê nos grandes veículos de comunicação são profissionais coagidos que se rendem às exigências organizacionais que nem sempre comungam com o código de ética do jornalista, seguindo às linhas editoriais que se submetem às influências políticas e econômicas geralmente em desacordo com as necessidades reais da população e da conquista da cidadania e consequentemente de uma sociedade democrática. Ainda é comum ver a formação crítica do jornalista se render à indústria do espetáculo que manipula informações, favorecendo grupos dominantes. É diante desse cenário, que o meio acadêmico deve se fortalecer ainda mais e traçar estratégias para uma formação que também abarque essa demanda de ruptura com um sistema que traz prejuízos irreparáveis à sociedade e aos profissionais do jornalismo. Como bem afirmam Fialho; Fialho (2012, p.11): “Se a escola é o meio de se perpetuar um sistema, paradoxalmente é o único lócus possível para a ruptura com o mesmo.”

Além disso, torna-se oportuna a atenção para a seleção do referencial teórico das ementas de disciplinas ofertadas em cursos de graduação de jornalismo, lembrando que o professor como mediador do conhecimento deve realizar escolhas adequadas e que gerem sentido na formação do jornalista que atuará no século XXI. Isso requer abrir mão de priorizar teorias ultrapassadas que foram validadas pelo universo acadêmico em uma determinada época e se consagraram em matrizes engessadas. Importante lembrar que isso vai contra o que se quer da educação como fonte de libertação e caminho para a autonomia. Para isso é necessário pluralidade de pensamentos. É preciso tirar a poeira dos livros como sugere o filósofo Bachelard (1996), ou seja, ir às obras pouco visitadas das bibliotecas de nossas áreas, sem preconceito, mas atentos para que se possa nelas encontrar ideias outras, novidades, que por vezes podem não ser encontradas em obras consagradas e validadas pelo meio acadêmico.

Outro aspecto relevante na discussão do ensino do jornalismo é a formação de docentes. Por se tratar de um curso de bacharelado e não de licenciatura, muitos dos professores que ministram disciplinas específicas da área jornalística nos cursos de graduação não possuem conhecimento teórico e prático do fazer pedagógico que elenca outras exigências, que vão além do domínio do conteúdo proposto pelo ementário.

Muitos professores são oriundos de programas de mestrado que assim como a graduação em jornalismo não oferecem disciplinas que favoreçam a atividade docente. Assim, grande parte dos educadores dessa área são desprovidos de conhecimentos pedagógicos essenciais para o processo do ensino-aprendizagem. Muitas vezes faltam a eles didática adequada, conhecimentos voltados à neurociências aplicadas à aprendizagem, habilidades e sensibilidades próprios do saber pedagógico.

Então, se na comunicação é tão comum produzir levando em conta o público-alvo, na educação não é diferente. Diante disso é preciso ter conhecimentos acerca de como o cérebro humano aprende em suas diferentes fases do desenvolvimento, conhecer o arcabouço teórico do saber pedagógico e tirar proveito dele para tornar as aulas mais atrativas e eficientes dentro de suas propostas. O desafio está em dar sentido ao conhecimento que será mediado, tornar

claro que todo o conteúdo fragmentado no final de todo o processo tem que se mostrar interligado e aplicável no mundo do trabalho.

O professor de jornalismo deverá fazer escolhas adequadas referentes às metodologias de ensino que serão utilizadas. Verificar o tempo todo se estão adequadas ao público discente e ao conteúdo. Além disso, criar situações de aprendizagem que sejam interessantes e sedutoras, capazes de marcar positivamente a formação do aluno.

Para além de um ensino ao molde cartesiano, o professor de jornalismo, deve incentivar o aluno a ir além das possibilidades do conhecimento objetivo, pois como ensina Bachelard (1996) é preciso transcender as fronteiras científicas. Nesse sentido as escolas de jornalismo devem estimular a imaginação, o instinto criativo e a intuição. Afinal, “em um mundo repleto de informações, com equações matemáticas insolúveis, com milhares de variáveis, precisamos de pessoas que sejam capazes de olhar para o caos e dizer: Vamos por aí” (FIALHO; FIALHO, 2012, p. 14).

E formar profissionais que apontem caminhos é antes de tudo “preparar homens não mais para aprender, mas para aprender a aprender, aprender a desaprender, e, mais importante ainda, aprender a empreender, é o desafio maior da escola do futuro... hoje” (FIALHO, FIALHO, 2012, p.28). Mas, não basta fazer enxertos de disciplinas nas grades curriculares para atender essas demandas, como infelizmente muitas vezes ocorre. Disciplinas voltadas ao empreendedorismo, por exemplo, devem promover um diálogo fluído entre os conceitos da área da administração e do jornalismo.

Também é necessário que o professor esteja muito atento aos avanços tecnológicos e suas influências no campo da formação do jornalista. Isso tanto para o uso que o docente fará das tecnologias em sala de aula como ferramentas de aprendizagem, como no ensino acerca de como utilizá-las para desenvolver atividades do ofício jornalístico.

Em se tratando do uso das tecnologias para ministrar aulas, infelizmente, ainda carecemos de formação de professores. Alguns não sabem sequer conectar aparelhos celulares ou computadores a um data show. A lousa digital ainda assusta e aí nada melhor que o antigo quadro negro, que não requer conhecer as ferramentas de um aplicativo. Há por parte de muitos docentes resistência ao uso de tecnologias que podem ser muito interessantes e produtivas na condução de aulas.

Geralmente, o uso dessas tecnologias, quando muito, adentram as disciplinas práticas dos cursos de jornalismo. Mas, nesses espaços, nem sempre, são usadas para auxiliar os professores a tornarem o processo de aprendizagem mais eficaz, e sim para instrumentalizarem a atividade jornalística. Interessante ressaltar que nesses ambientes práticos de aprendizagem, muitos alunos, inclusive, demonstram domínio do uso de *softwares* e *hardwares* melhor que muitos professores, já não tão atualizados nessa era digital. Daí a importância da capacitação constante, mesmo que se saiba que o domínio teórico e a experiência do professor são essenciais na mediação dentro de um processo de ensino-aprendizagem.

Ainda em se tratando do uso das tecnologias, não se pode esquecer a luta diária dos professores pela atenção do aluno. A competição com o celular ou os computadores chega a ser desleal. “Em vez de assistirem velhas mensagens sem sabor, os alunos, silenciosa e educadamente, preferem navegar por outros oceanos. Como converter a tecnologia em oportunidade e não em ameaça?” (FIALHO; FIALHO, 2012, p.23)

Para tornar favorável essa situação no contexto do ensino-aprendizagem, pode valer a pena optar por no lugar de rejeitá-la ou proibi-la descobrir formas de integrá-la às dinâmicas das aulas de forma inteligente. A técnica e a tecnologia devem estar a serviço da aprendizagem e da humanidade e não o contrário. E o espaço acadêmico é o ideal para se desenvolver uma relação adequada, saudável e positiva entre as pessoas e os meios tecnológicos.

As aulas podem se tornar muito divertidas e proporcionar experiências únicas com o uso das tecnologias. Porém, valem os alertas de filósofos, como Heidegger (1987) e Eric Hobsbawm

(2008) que chamam a atenção para a questão das técnicas/tecnologias, apontando possíveis prejuízos quando de seus usos inadequados e em direção à exploração e exclusão do humano. Além disso, os professores devem estar atentos a não se renderem aos encantos da tecnologia, tornando o ensino meramente instrumental.

Para finalizar, uma última lição da pedagogia aos professores que se dedicam ao ensino do jornalismo. Levando-se em conta que nesse século XXI, solo de instabilidade e possibilidades inúmeras de construções, é necessário que na atividade docente exista energia suficiente para encantar corações e marcar as mentes de forma positiva. Par isso, vale a pena tornar-se um professor de espanto, como sugere o filósofo Rubem Alves. Como mediador do conhecimento é essencial que o professor leve sua paixão pelo conhecimento, pela sua área de atuação. Como afirma Rubem Alves (2016) “o objetivo da educação não é ensinar coisas porque as coisas já estão na Internet, estão por todos os lugares, estão nos livros. É ensinar a pensar. Criar no aprendiz essa curiosidade, criar a alegria de pensar”. Mas, pensar requer estar numa maioria intelectual como propõe Nietzsche, que é pensar com a própria cabeça. É em algum momento se libertar do que os outros dizem para produzir o próprio discurso, a obra singular chancelando a própria identidade. É dessa forma que pode se compreender realmente que “Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...” (ALVES, 1994, p.04)

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poetica Editora, 1994. Disponível em: <http://www.portalpordiadem.com.br/uploads2/LIVRO2.pdf>. Acesso em 08.11.19, às 18h23.

\_\_\_\_\_. **Rubens Alves: o objetivo da educação é criar a alegria de pensar**, 2016. Disponível em: <https://blogs.funiber.org/pt/formacao-professores/2016/09/20/funiber-rubem-alves-pensar>. Acesso em. 03.08.2019.

BACHELARD, Gaston. **El compromisso racionalista**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 1973.

\_\_\_\_\_. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

FIALHO, Francisco Antonio Pereira; FIALHO; Gustavo Loureiro. Formando os magos do amanhã. In: SCHNEIDER, Henrique Nou; LACKS, Solange. **Educação no século XXI: desafios e perspectivas**. Aracaju: UFS, 2012.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à metafísica**. Trad. Emanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

HOBBSBAWM, Eric. **A era dos extremos**: o breve século XX – 1914-1991. Trad. Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.